

Poder e potência em Deleuze: forças e resistência

Power and potency in Deleuze: forces and resistance

Domenico Uhng Hur

Universidade Federal de Goiás

RESUMO:

Este artigo tem como objetivo conhecer as concepções desenvolvidas sobre o poder na obra do filósofo Gilles Deleuze, para discutir suas perspectivas, com quais enunciados opera e se cria um modelo sobre o poder. Realizamos uma revisão bibliográfica em toda a sua obra, que denominamos cartografia bibliográfica. Constatamos que, para Deleuze, há uma “trindade do poder” em Nietzsche, Espinosa e Foucault. Nietzsche traz um modelo dinâmico entre forças ativas e reativas. Espinosa fornece a discussão da potência articulada aos afetos. Foucault traz uma concepção original sobre o poder como prática, relação e estratégia, e propõe um terceiro vetor, chamado de poder de resistir. Concluímos que é possível extrair um dualismo sobre o poder na obra de Deleuze, numa divisão entre poder e potência.

Palavras-chave: poder; afeto; esquizoanálise.

ABSTRACT:

The purpose of this paper is to know the conceptions about power in the work of the philosopher Gilles Deleuze, to discuss his perspective, statements and if he creates a model of the power. We conducted a literature review in all his work, which we called of bibliographical cartography. In the work of Deleuze there's a “trinity of power”: Nietzsche, Espinosa and Foucault. Nietzsche brings a dynamic model between active and reactive forces. Espinosa provides the discussion of the power articulated to the affections. Foucault brings an original conception of power as practice, relationship and strategy. Foucault proposes a third vector called power to resist. We conclude that is possible to extract a dualism about the power in Deleuze's work, in a division between power and potency.

Key-words: power; affection; schizoanalysis

A temática do poder ocupa centralidade nos estudos das Ciências Humanas, bem como na Filosofia. Este tema aparece muitas vezes ao longo da obra do filósofo Gilles Deleuze, tomando mais força quando este comenta a obra de seu contemporâneo Michel Foucault. Constata-se que a obra foucaultiana assume importância central para suas reflexões sobre o poder. Todavia, tal temática é encontrada desde os primórdios de sua extensa produção, como no livro *Nietzsche e a Filosofia* (DELEUZE, 1976 [1962]).

Como o poder é tratado ao longo de sua obra? Há concepções singulares que desenvolve a partir de suas distintas referências? Há enunciados que trazem uma perspectiva distinta do poder em relação às concepções clássicas? É possível derivar um modelo de poder da teoria deleuzeana?

Nosso ensaio tem como objetivo conhecer as concepções desenvolvidas sobre o poder na obra de Deleuze, para discutir suas perspectivas sobre o tema e os enunciados com os quais opera.

Vale ressaltar que neste texto discutimos apenas suas considerações relacionadas ao poder e não às suas variantes, como política, micropolítica, Capitalismo e Estado - temas que desdobrariam este texto para uma extensão desmedida para apenas um artigo e que já vêm sendo abordados em outros estudos (HARDT & NEGRI, 2005, 2006; LAZZARATO, 2006, 2014; HUR, 2013a, 2013b, 2015, etc.).

O método utilizado para nossa investigação foi o de uma cartografia sobre toda sua obra, na qual buscamos mapear os principais textos em que aparece explicitamente a temática do poder, selecionando as passagens que se detêm sobre essa problemática. Em nosso estudo, a cartografia teve como finalidade “acompanhar os processos” (KASTRUP et alii., 2010), reflexões e análises de Deleuze sobre o poder, suas variações e desenvolvimentos. Pode-se dizer que realizamos uma *cartografia bibliográfica*, visto que lançamos mão de uma pesquisa em que realizamos uma análise a partir de uma revisão bibliográfica (CRESWELL, 2010) sobre sua produção. Investigamos principalmente os textos nos quais Deleuze é o único autor, mas não deixamos de fora aqueles em que estabelece parceria com outros pensadores.

Para a discussão sobre o poder em Deleuze, encontramos obras sobre três principais autores em que se referencia: Nietzsche, Espinosa e Foucault. Portanto, neste ensaio, discorreremos sobre os comentários de Deleuze aos trabalhos destes autores, para discutir seus enunciados sobre o poder. Ocupa lugar privilegiado o curso de Gilles Deleuze sobre a obra de Foucault em 1985 e 1986, principalmente o segundo módulo, sobre o poder. As três partes, respectivamente saber, poder e subjetivação, foram publicadas pela Cactus Editorial, na Argentina (DELEUZE, 2013, 2014, 2015). Sabemos das diferenças que implicam as diferentes fontes, livro e aula, dos contextos e estruturas distintos que assumem no registro e transmissão do conhecimento (GILBERT; MULKAY, 1984). O livro, de forma convergente ao artigo, é uma obra considerada finalizada pelo autor, o qual dá anuência para sua publicação, divulgação e transmissão. Já nas aulas, mesmo que o autor concorde que sua exposição oral seja

gravada em áudio, há uma informalidade que não aparece nos textos acadêmicos publicados. Há hesitações, reflexões, imprecisões, risos e dúvidas, bem como a falta de revisão do autor sobre o material transcrito. Enquanto pesquisadores da obra de Deleuze, vemos essas “imprecisões”, esse não fechamento do pensamento, como algo muito mais positivo do que negativo, pois aí se pode constatar o pensamento se constituindo, em movimento, em processo de construção. O curso “é como um laboratório de pesquisas: dá-se um curso sobre aquilo que se busca e não sobre o que sabe” (DELEUZE, 1992: 173).

Ressaltamos que mesmo que o livro sobre Foucault (DELEUZE, 1988 [1986]) tenha sido publicado no verão europeu de 1986, após o encerramento de seu curso (DOSSE, 2010), algumas das hipotetizações apresentadas nas aulas não entraram nele. Como, por exemplo, o magistral desenvolvimento sobre o diagrama de controle, que é publicado num curto, mas influente texto apenas quatro anos depois, em 1990 (DELEUZE, 1992).

Vale ressaltar o método adotado por Deleuze nos trabalhos em que comenta, analisa e reinterpreta obras de outros autores. Deleuze é um pensador que extrai de outros filósofos enunciados que muitas vezes são estranhos às idéias originais, como se lhes fizesse um filho monstruoso pelas costas (DELEUZE, 1992). O filósofo espanhol Miguel Morey (2009) compreende que Deleuze busca entender como os enunciados de determinado autor funcionam, como se buscasse apreender quais são as operações dessa máquina, desse mecanismo. A partir da compreensão de como funciona a máquina de pensamento do autor de origem, Deleuze buscaria fazê-la operar em outros campos não trabalhados anteriormente, produzindo assim outras possibilidades de conhecimento e sentidos. É por isso que não se assume como autor desse produzido, entendendo que tal enunciado extraído já está no pensador original, sendo então de autoria deste último.

Neste ensaio, traçamos três momentos sobre o poder na obra de Deleuze: a discussão sobre forças ativas e reativas em Nietzsche, o poder de ser afetado em Espinosa, e o poder de resistir em Foucault. Compreendemos o risco da redução do pensamento dos diferentes autores apreendidos neste curto texto. Nosso intuito não é o de resumir ou sintetizar, mas sim o de mapear e registrar as concepções deleuzeanas sobre a temática do poder.

Forças ativas e reativas

Para Deleuze (2014 [1986]), poder refere-se a relações de forças. Relações de poder, tomadas no singular, é sinônimo de relações de forças, tomadas no plural. A discussão acerca das forças já surge em seu segundo livro, *Nietzsche e a filosofia*, em que disserta sobre como Nietzsche trabalha essa configuração. Deleuze recorre a Nietzsche como base para uma crítica do social, tomando a força como um dos elementos principais para a compreensão das relações instituintes e instituídas. A força ocupa lugar tão central no pensamento de Nietzsche, que se considera que o objeto da genealogia é a própria força (DELEUZE, 1976 [1962]). Os objetos, formas e relações são resultantes do interjogo entre as forças. Por isso Nietzsche não faz apenas uma Filosofia das forças, mas compreende a própria Filosofia como força; filosofar com o martelo, potência para desconstrução dos valores que negam a vida: transmutação. Portanto, sua investigação se debruça sobre as composições, configurações e mutações nos jogos de forças. Deleuze continua com essa perspectiva de análise sobre forças, vetores, intensidades e, posteriormente, máquinas abstratas, até o final de sua obra. Neste tópico citamos trechos de textos de Deleuze (1976 [1962]; 2007 [1965]) sobre as forças em Nietzsche para desenvolver esta concepção.

As forças operam num meio e estão em relação, sempre em contato com outra força. “Toda força é apropriação, dominação, exploração de uma quantidade da realidade” (DELEUZE, 1976 [1962]: 3). As forças estão em movimento e apresentam um dinamismo, em que sempre estão em jogo, conflito, em combate, produzindo distintas configurações. Então, de forma alguma as forças são estáticas. Sob tal perspectiva, Nietzsche denomina *vontade* o diferencial entre as forças.

Nesta relação há forças que agem e outras que reagem. Nietzsche as qualifica, respectivamente, como forças ativas e forças reativas. As forças ativas são primárias, de ação, dominação e subjugação, enquanto as forças reativas são secundárias, de reação, adaptação e regulação. Deleuze (2007 [1965]: 23) ressalta que tal distinção não é meramente quantitativa, mas qualitativa e tipológica. Portanto, há uma força que domina, afirmativa, e outra que obedece, negativa, sendo a diferença fundada na “(...) hierarquia, isto é, a relação de uma força dominante com uma força dominada, de uma vontade obedecida com uma vontade obediente” (DELEUZE, 1976 [1962]: 6). “Afirmção e negação são, pois, os *qualia* da vontade de poder, como activo e reactivo são qualidades das forças” (DELEUZE, 2007 [1965]: 24).

As forças reativas são tomadas pelo seu caráter negativo, sendo depreciadas e desvalorizadas por Nietzsche. Pois elas não entram num processo de composição, mas de decomposição, separando a “força ativa do que ela pode” (DELEUZE, 1976 [1962]: 47). Subtraem uma parte do seu poder, tornando assim a força ativa uma força reativa. Então não haverá a afirmação positiva de forças, mas sim a aceitação da ação de outras forças, a reação às forças que a dominam, na negação da própria força, assumindo a lógica do negativo. A negação da própria força refere-se à separação da própria vontade, passando o elemento negativo ao primeiro plano. Tal processo passa a ser tão preponderante, que Nietzsche afirma que há a vitória das forças reativas. Nesta inversão, na qual há o primado do negativo, a vitória das forças reativas frente às forças ativas, há o triunfo dos fracos sobre os fortes. Por tratar-se das forças reativas, a relação de forças não opera por adição ou multiplicação, mas sim por subtração e divisão: “(...) os fracos, os escravos não triunfam por adição de suas forças, mas por subtração da força do outro: separam o forte daquilo que ele pode. Eles triunfam, não pela composição do seu poder, mas pelo poder do seu contágio. Acarretam um devir reactivo de todas as forças. É isso a “degenerescência”” (DELEUZE, 2007 [1965]: 25).

Conseqüentemente, o êxito das forças reativas, essa “degenerescência”, produto da subtração, não traz a afirmação da força, mas sim sua separação e negação. Nietzsche denomina *niilismo* o triunfo das forças reativas, ou triunfo dos escravos, que é a forma de negação e depreciação da vida e da existência. A divisão e afastamento das forças trazem uma série de sintomas que são expressos pelas principais formas do niilismo: ressentimento, má consciência e constituição de um ideal ascético (DELEUZE, 1976 [1962]: 28). Estes sintomas são alguns dos efeitos da vitória das forças reativas e da negação da vida e das forças ativas. O ressentimento calca-se numa atitude de expressar o negativo para o externo, em acusar e depreciar a existência, culpabilizar o outro. É a perpetuação de um estado reativo das forças. A má consciência refere-se a um movimento similar, mas que ocorre em direção inversa do ressentimento: “(...) é a consciência que multiplica sua dor, ela encontrou o meio de fazer fabricá-la: voltar a força ativa contra si mesma, a fábrica imunda. Multiplicação da dor pela interiorização da força, pela introjeção da força, esta é a primeira definição de má consciência” (DELEUZE, 1976 [1962]: 107). Já o ideal ascético relaciona-se às formas de vida reativa, numa negação da própria vida, imperando a vontade de nada. A figura do sacerdote é emblemática nesta conjuntura, pois é quem instaura o pecado, a falta e a culpabilidade, como formas de aprisionar o forte e fazê-lo internalizar a má consciência.

Na vitória das forças reativas, dos fracos, impacta a crítica de Nietzsche, que profere que mesmo tomando o poder, o fraco não deixa de ser fraco, o escravo não deixa de ser escravo, bem como as forças reativas não deixam de ser reativas:

Nossos senhores são escravos que triunfam num devir-escravo universal: o homem europeu, o homem domesticado, o bobo... Nietzsche descreve os Estados modernos como formigueiros, em que os chefes e os poderosos levam a melhor devido à sua baixaza, ao contágio desta baixaza e desta truanice (...) Quando o nihilismo triunfa, então e só então a vontade de poder deixa de querer dizer 'criar', mas significa: querer o poder, desejar dominar (portanto, atribuir-se ou fazer com que atribuam os valores estabelecidos, dinheiro, honras, poder...). Ora, esta vontade deste poder é precisamente a do escravo, é a maneira como o escravo ou o impotente concebe o poder, a idéia que dele faz, e que ele aplica quando triunfa. Acontece que um doente pode dizer: ah! Se eu estivesse bom, faria isto – e talvez o fizesse -, mas os seus projetos e as suas concepções são ainda as de um doente, e nada mais que as de um doente (DELEUZE, 2007 [1965]: 26).

A partir desta citação, compreende-se que as forças ativas e reativas geram duas formas distintas de poder: o poder afirmativo, de querer criar, e um poder negativo, de querer dominar, capturar e relacionado a valores baixos. Na crítica de Nietzsche à dialética, novamente aparece essa dupla condição do poder, mas compreendendo a dialética como dispositivo das forças reativas, como a moral e a forma de pensar do fraco:

o pensamento abstrato da contradição prevalece sobre o sentimento concreto da diferença positiva, a reação sobre a ação, a vingança e o ressentimento tomam o lugar da agressividade (...) Na verdade o célebre aspecto dialético da relação senhor-escravo depende de que o poder é aí concebido não como vontade de poder, mas como representação do poder, como representação da superioridade, como o reconhecimento por "um" da superioridade do "outro" (DELEUZE, 1976 [1962]: 8).

Nietzsche compreende que a dialética e a contradição operam sob a lógica do negativo. Nesta perspectiva, a negação e a representação adquirem um primado sobre as diferenças positivas, atuando sob a perspectiva das forças reativas. Portanto, esta concepção, que expressa a necessidade de reconhecimento e representação do poder, é a percepção do escravo, a “imagem que o homem do ressentimento faz do poder” (DELEUZE, 1976 [1962]: 8). E, de uma forma geral, Nietzsche denuncia que esta é a forma de poder mais propagada no âmbito social. Por isso, inclusive, considera que houve o triunfo das forças reativas e dos fracos.

Deste modo, consideramos que Deleuze encontra em Nietzsche um fundamento das relações de forças e para denunciar as formas de vida despoticizadas que são assumidas, em que se nega a vontade de potência e assumem-se formas reativas de ser.

Nietzsche instaura uma reflexão extremamente crítica às formas de vida instituídas e busca pensar como as forças afirmativas e potencializadoras podem triunfar, numa transformação dos valores, na transmutação dos mesmos. Deleuze considera que o dispositivo do Eterno Retorno é um dos mecanismos que podem realizar tal transmutação. O Eterno Retorno seleciona o que é positividade, pois o que repete, e retorna, é a afirmação, não a negação: “E o eterno Retorno não é só o pensamento selectivo, mas também o Ser selectivo. Só volta a afirmação, só volta aquilo que pode ser afirmado, só a alegria volta. Tudo o que pode ser negado, tudo o que é negação é expulso pelo próprio movimento do eterno Retorno” (DELEUZE, 2007 [1965]: 35). “O pensamento do eterno retorno elimina do querer tudo o que cai fora do eterno retorno, faz do querer uma criação, efetua a equação querer = criar” (DELEUZE, 1976 [1962]: 56). É como se no processo de repetição houvesse uma força centrífuga que eliminasse o negativo, retornando assim apenas as forças afirmativas. Dessa forma, para Deleuze (1976 [1962]), o Eterno Retorno é uma repetição sempre do diferente, nunca do mesmo: o que retorna é a diferença, na atualização das forças ativas e da vontade de potência. “É a potência de afirmar, do novo, do descentramento, da divergência, do caos e do futuro; ou seja, é a afirmação de um futuro incondicionado a se produzir e a se criar” (HUR, 2013c: 188).

O eterno retorno só afeta o novo, isto é, o que é produzido sob a condição da insuficiência e por intermédio da metamorfose. Mas ele não faz retornar nem a condição nem o agente; ao contrário, ele os expulsa, os renega com toda a sua força centrífuga. Ele constitui a autonomia do produto, a independência da obra. Ele é a repetição por excesso, que nada deixa subsistir da insuficiência nem do devir igual. Ele é o novo, é toda a novidade (DELEUZE, 2006 [1969]: 138).

“O Eterno Retorno é inseparável de uma transmutação. Ser do devir, o Eterno Retorno é o produto de uma dupla afirmação que faz retornar o que se afirma e só faz devir o que é ativo” (DELEUZE, 1997 [1993]: 121). Portanto, a repetição do eterno retorno é a produção de forças ativas ligadas à diferença e à criação, sendo um dispositivo de depuração que expulsa as forças que operam na lógica do negativo: é a efetivação das multiplicidades e dos devires. Por isso, para Deleuze, é dispositivo privilegiado para o processo de transformação dos valores e da vida.

Consideramos que a afirmação de Nietzsche de que a vontade de potência está relacionada ao poder de ser afetado (DELEUZE, 1976 [1962]: 50) é a articulação entre o primeiro e o segundo momentos de nossa análise deleuziana sobre as forças. A vontade de potência, ao mesmo tempo, configura e é configurada pelas relações de

forças; portanto, afeta, bem como é afetada nessas relações. Afirmamos então que há um ponto de contato com Espinosa, sendo este quem melhor desenvolveu a relação entre potência e afecções.

Poder de ser afetado

Deleuze recorre a Espinosa para desenvolver sua discussão sobre a ética. Produz três livros sobre o filósofo (DELEUZE, 1968, 1976 [1970], 2002 [1981]). A partir de seus ensinamentos, cita suas questões ontológicas acerca da obediência na sociedade, perguntas que mostram valores invertidos e inadequados. Por exemplo, por que o povo é profundamente irracional? Por que se orgulha de sua escravidão? E por que é tão difícil não apenas conquistar, mas suportar a liberdade? (DELEUZE, 2002 [1981]). Para Deleuze, a reprodução de tais condutas contraditórias está diretamente relacionada às relações de poder instituídas. “Em toda sociedade, mostrará Espinosa, trata-se de obedecer e nada mais: é por isso que as noções de culpa, de mérito e demérito, de bem e de mal são exclusivamente sociais e estão vinculadas à obediência e desobediência” (DELEUZE, 2002 [1981]: 10). Deleuze nos ensina que Espinosa, ao desenvolver tais questões, realiza uma tripla denúncia (sobre a consciência, os valores e as paixões tristes), operação semelhante à que Nietzsche desenvolveu posteriormente.

Espinosa trabalha as forças como potência: o poder de existir é uma potência (DELEUZE, 1968). Para discutir a partir da perspectiva de potência, propõe o corpo como um novo modelo, criticando o tradicional foco sobre a consciência. Denuncia que não sabemos o que pode um corpo (DELEUZE, 2002 [1981]). Propõe pensar o corpo não como substância, mas como modo, pela sua cinética e dinâmica, com suas relações de movimento e repouso, de velocidade e lentidão (longitude). O corpo afeta e é afetado por outros corpos (latitude), tem um poder de afetar e um poder de ser afetado. Neste processo, há afecções ativas e afecções passivas, uma potência de agir e uma potência de sofrer (DELEUZE, 1968: 110). É necessário, então, fazer uma cartografia do corpo, na qual sua natureza se dá pelos agenciamentos de movimentos e afetos, por sua longitude e latitude. O corpo ultrapassa a consciência, bem como expressa a multiplicidade de afecções.

Espinosa afirma que é imperativo apreender a ordem das causas, em que cada corpo e ideia são constituídos por relações. Para o filósofo, os modos de existência são resultantes das modalidades de composição entre os corpos. Há uma ordem de composição e decomposição na relação/encontro entre os corpos e ideias, que afeta toda

a natureza. Decorrem assim duas modalidades de relação: quando os corpos se compõem para formar um todo mais potente; e quando um decompõe o outro e destrói a coesão de suas partes (DELEUZE, 2002 [1981]: 25).

Se um corpo compõe com um outro, potencializando-o, isso é considerado um *bom encontro*. Da mesma forma, se um corpo se conecta a outro, mas decompondo sua potência, despotencializando-o, qualifica-se isso como um *mau encontro*. Na composição entre corpos há o afeto correspondente da alegria. Por outro lado, na experiência de decomposição, há tristeza. Há toda uma qualificação dos modos de existência que Deleuze assimila de Espinosa. Traça uma tipologia muito semelhante com o que aparece em Nietzsche, relacionando o bom com o forte, a potencialização, a composição, o dinamismo, o livre, a alegria e o que adiciona. Enquanto isso, ao mau está relacionado o fraco, a despotencialização, a decomposição, o bloqueio, o escravo, a tristeza e o que subtrai (DELEUZE, 2002 [1981]). Consta-se na sua denúncia do processo de decomposição e bloqueio entre corpos, a instauração de uma original conexão entre afetos e poder.

Espinosa distingue duas modalidades de afecção: as ações e as paixões. “O poder de ser afetado apresenta-se então como potência de agir, quando se supõe preenchido por afecções ativas, e apresenta-se como potência de padecer, quando é ocupado pelas paixões” (DELEUZE, 1976 [1970]: 39). Mas a própria potência para padecer, ou sofrer, não se refere à mera passividade - pode também incitar o potencial de agir. A potência de sofrer corresponde a dois tipos: as paixões alegres e as paixões tristes. As paixões alegres, mesmo sendo uma paixão, são tomadas como uma afecção que é útil ou boa para o corpo. Por ser considerada como um bom afeto ao corpo, aumenta sua potência de ação (DELEUZE, 1968). O corpo preenchido por tal afecção positiva desejará manter essa alegria ou o objeto que a fomenta, mantendo um ciclo em ascendência ativa. “Se supomos assim uma linha de afecções alegres, resultando umas das outras, a partir de um primeiro sentimento de alegria, vemos que nosso poder de ser afetado torna-se preenchido de tal maneira que nossa potência de agir aumenta sempre” (DELEUZE, 1968: 220; tradução nossa).

A princípio, pode-se estabelecer uma relação entre as afecções ativas e passivas em Espinosa e as forças ativas e reativas em Nietzsche, respectivamente. Entretanto, Espinosa não trabalha com a negatividade das forças reativas e, inclusive, amplia a concepção sobre o poder de ser afetado. Para o filósofo, o poder de ser afetado não tem nada de passividade, ou reatividade, senão que expressa a potência de um corpo. O

indivíduo é compreendido como um grau de potência. E “a esse grau de potência corresponde certo poder de ser afetado” (DELEUZE, 2002 [1981]: 33). Diferente da lógica do senso comum, ser afetado não corresponde a uma fraqueza, a uma permeabilidade que despotencializa, mas o contrário: ser afetado corresponde a ser preenchido por afecções, ao seu grau de potência. Então, quanto mais um corpo pode ser afetado, mais são aumentados seus graus de afecção, sua potência de agir:

em efeito, as afecções ativas são as únicas a preencher real e positivamente o poder de ser afetado. A potência de agir, por si só, é idêntica ao poder de ser afetado. A potência de agir exprime a essência, e as afecções ativas, elas mesmas, afirmam a essência. No modo existente, a essência e a potência de agir são somente uma só coisa, a potência de agir e o poder de ser afetado são também uma só coisa (DELEUZE, 1968: 205, tradução nossa).

Com esta citação percebe-se que a potência de um corpo é relacionada ao quantum de poder de ser afetado; ou seja, o poder de afetar de um corpo é diretamente relacionado ao quanto pode ser afetado por outro corpo. É como se houvesse uma relação de retroalimentação entre ambos os poderes. Um não funciona sem o outro, havendo essa co-dependência mútua.

Por outro lado, as paixões tristes, por serem resultantes de uma relação de decomposição, produzem uma afecção que diminui o potencial de ação de um corpo, em que a tristeza pode levar à impotência. Expressam “(...) o grau mais baixo de nossa potência: o momento em que estamos separados ao máximo de nossa potência de agir, altamente alienados, entregues aos fantasmas da superstição e às mistificações do tirano (...) é sempre impotência” (DELEUZE, 2002 [1981]: 34). São afecções que diminuem o grau da potência de ação de um corpo, pois subtraem e dividem sua força. Para Espinosa, os homens das paixões tristes são o escravo, o tirano e o padre: a trindade moralista. Compreende-se então que, dependendo da afecção, pode haver aumento ou diminuição do potencial de ação, sendo assim uma ligação direta entre afeto e potência.

Do ponto de vista político, Espinosa nos ensina que o tirano explora as paixões tristes e o processo de decomposição das forças para a manutenção de seu poder: “O tirano precisa da tristeza das almas para triunfar, do mesmo modo que as almas tristes precisam de um tirano para se prover e propagar. De qualquer forma, o que os une é o ódio à vida, o ressentimento contra a vida” (DELEUZE, 2002 [1981]: 31). Portanto, há uma predominância de relações bloqueadoras, despotencializadoras e de afetos tristes como forma de domínio e governo de um sobre outros.

A tristeza, os afetos tristes são todos aqueles que diminuem nossa potência de agir. E os poderes estabelecidos precisam deles para nos converter em escravos. O tirano, o padre, o ladrão de almas, necessitam nos persuadir de que a vida é dura e pesada. Os poderes têm mais necessidade de nos angustiar, do que de nos reprimir, ou, como disse Virílio, de administrar e organizar nossos pequenos terrores íntimos (DELEUZE; PARNET, 2004 [1977]: 71, tradução nossa).

Neste processo de dominação, articulado ao fomento de afecções despotencializadoras, Espinosa afirma que a própria religião é utilizada como forma de subjugação e enganação: “O grande segredo do regime monárquico e seu profundo interesse consistem em enganar os homens, dissimulado, sob o nome de religião, o temor ao qual se quer acorrentá-los; de forma que eles combatem por sua servidão como se fosse sua salvação” (*apud* DELEUZE, 2002 [1981]: 31). Denuncia assim a ilusão dos valores e as relações instituídas, em que imperam forças que nos separam da vida e desencadeiam uma série de paixões tristes. O resultado é claro: a despotencialização dos corpos e sua obediência a um poder transcendente.

Por isso, Espinosa busca substituir a Moral pela Ética, substituir os valores instituídos pelos modos qualitativos e potencializadores de existência. A Moral sempre relaciona a existência a valores transcendentos, é o juízo de Deus, um dever, a lei; o sistema de julgamento e a obediência são sua única finalidade. Não traz conhecimento, apenas servidão. Já a Ética refere-se à tipologia qualitativa dos modos de existência imanente, das relações de composição e decomposição, do que potencializa e do que despotencializa, do conhecimento sobre o poder de ser afetado. A Moral e a Lei bloqueiam, subtraem, enquanto a Ética compõe e potencializa.

Consideramos que, do Espinosa de Deleuze, podem-se extrair três aspectos do poder. O primeiro, já citado, do poder de afetar e de ser afetado. O segundo, que expressa a singularidade do seu pensamento, é a relação estabelecida entre as afecções e a potência. São as afecções que modulam o modo qualitativo da potência de um corpo. As afecções alegres, positivas, potencializadoras, estão relacionadas ao potencial de produção e criação, enquanto as afecções tristes, negativas, despotencializadoras, estão relacionadas à impotência, obediência, a um poder de antiprodução, servidão e captura. Já o terceiro, em aspecto é aquele em que é encontrada uma dupla caracterização do poder, enquanto potencia e potestas. Deleuze as cita diferenciando uma potencia de natureza infinita, de criação, virtual, em contraposição a uma potestas, atual: “Deus se definia pela identidade da sua essência e de uma potência absolutamente infinita, potencia. Como tal, teria uma potestas, ou seja, um poder de ser afetado de uma

infinidade de maneiras; esse poder estaria eterna e necessariamente preenchido, Deus sendo causa de todas as coisas no mesmo sentido que é causa de si” (DELEUZE, 1968: 198, tradução nossa).

Este terceiro aspecto traz uma distinção que faz com que o poder seja compreendido de duas formas: como potência (potentia) e poder (potestas). Consideramos que essa dupla dimensão está relacionada à discussão deleuzeana sobre o virtual e o atual. A potentia está relacionada à criação e multiplicidade, enquanto potestas às formas encarnadas de poder, podendo relacionar-se ao exercício do poder pelo tirano (DELEUZE, 2002 [1981]: 103), assim operando na lógica da antiprodução e não da produção, no bloqueio e captura, e não na criação e transformação.

Nos seus livros sobre Espinosa (1968, 1976 [1970], 2002 [1981]), Deleuze não instaura um regime de oposição radical entre potentia e potestas. Encontramos posicionamento distinto no prefácio para o livro de Negri (1993 [1981]), em que afirma que a obra de Espinosa é uma “filosofia da potentia contra a potestas” (DELEUZE, 1993 [1981]: 7). Anos depois, no documentário televisivo “Abecedário” (DELEUZE, 1994 [1988-1989]), o filósofo realiza explicitamente esta oposição entre potência e poder:

É preciso especificar que não existem potências ruins (...) O ruim é o menor grau de potência. E este grau é o poder. O que é a maldade? É impedir alguém de fazer o que ele pode, é impedir que este alguém efetue a sua potência. Portanto, não há potência ruim, há poderes maus. E talvez todo poder seja mau por natureza (...) A confusão entre poder e potência é arrasadora, porque o poder sempre separa as pessoas que lhe estão submissas, separa-as do que elas podem fazer (...) O poder é sempre um obstáculo diante da efetuação das potências. Eu diria que todo poder é triste (DELEUZE, 1994).

Para Deleuze, a potência refere-se ao exercício de criação e produção, sempre assumindo uma positividade. Por outro lado, valora de forma negativa o menor grau de potência, que é diretamente relacionado à noção de poder. O poder é visto como aquilo que separa e obstaculiza a potência do seu fazer. E, no âmbito da correlação dos afetos, o poder relaciona-se aos afetos tristes e despotencializadores. Baremlitt (2003), em concordância com os enunciados deleuzeanos, afirma que poder é potência morta. Por isso, compreendemos que a partir do modelo de poder do Espinosa de Deleuze, podemos extrair duas modalidades: o poder enquanto potência (potentia) e o poder enquanto poder (potestas).

Poder de resistir

Em seu curso sobre Foucault, Deleuze (2014 [1986]) dedica um módulo inteiro à problemática do poder. Ensina as concepções gerais do poder na perspectiva de Foucault, sempre com seu método de levar os enunciados do autor original a outros campos. Consideramos que é neste curso que Deleuze desenvolve mais características sobre o poder, inclusive mais do que em seu livro sobre Foucault (DELEUZE, 1988 [1986]), ou no seu emblemático diálogo com ele, intitulado “Os intelectuais e o poder” (FOUCAULT; DELEUZE, 1979 [1972]). Nesta famosa conversa, Deleuze estipula três perguntas gerais: quais os novos tipos de lutas políticas emergentes?; qual é o papel do intelectual nelas?; que modalidade subjetiva emerge? (DELEUZE, 2014 [1986]). Contudo, neste tópico, não discutiremos a perspectiva de Deleuze sobre as lutas sociais e a esquerda política. Discorreremos sobre os principais aspectos que Deleuze traça sobre a concepção de poder em Foucault, o desenvolvimento da noção de diagrama e o poder de resistir.

A primeira originalidade de Foucault foi ampliar a perspectiva do que é o poder. Inverte a perspectiva de análise, compreendendo que o poder não é substância, lugar, ente ou estrato; é uma prática, exerce-se e está disseminado por todos os lados. Compreende-o, pois, como

multiplicidades de correlações de força imanentes ao domínio onde se exercem e constitutivas de sua organização; o jogo que, através de lutas e afrontamentos incessantes as transforma, reforça, inverte; os apoios que tais correlações de força encontram umas nas outras, formando cadeias ou sistemas ou, ao contrário as defasagens e contradições que as isolam entre si; enfim, as estratégias em que se originam e cujo esboço geral ou cristalização institucional toma corpo nos aparelhos estatais, na formulação da lei, nas hegemônias sociais (FOUCAULT, 2006 [1976]: 103).

O poder, entendido como relações incessantes de forças, porta variabilidade e instabilidade, assumindo grande plasticidade em suas configurações. Então o poder não está totalizado numa Instituição como o Estado, ou nas mãos de um soberano; muito pelo contrário, está descentralizado, capilarizado, regionalizado em relações móveis e instáveis, disseminado em inúmeros pontos, portando relações desiguais. Dessa forma, está difundido tanto nos grandes conjuntos sociais, instância molar, como nos microconjuntos, instância molecular. Há uma onipresença do poder, em que este “é sempre um conjunto de micropoderes¹” (DELEUZE, 2014 [1986]: 190). Deste modo, Foucault propõe uma inversão em relação ao senso comum, na qual “deve-se captar o poder no nível das moléculas e corpúsculos, e não no nível das grandes instituições”

(DELEUZE, 2014 [1986]: 32), pois o poder pode ser um atributo molar, mas é uma relação molecular (DELEUZE, 2014 [1986]: 65).

Para Foucault, o poder é local e não global, molecular e não estatístico. “É uma agitação molecular antes de ser uma organização estatística” (DELEUZE, 2014 [1986]: 32). Tal agitação é que formará os estratos, e não o contrário. Portanto, não se deve explicar o poder pela ação das instituições, mas sim as instituições pelas relações de poder que aí se atualizam - os estratos são decorrentes das relações de forças. Deve-se, assim, realizar antes uma microfísica do poder que uma macrofísica.

Foucault (2006 [1976]) estipula quatro regras para entender o poder: regra da imanência, das variações contínuas, do duplo condicionamento e da polivalência tática dos discursos. Por sua vez, Deleuze (1988 [1986], 2014 [1986]) prefere traduzi-las pelos seis postulados denunciados por Foucault: propriedade, localização, subordinação, essência ou atributo, modalidade e legalidade.

Propriedade. O poder não se possui, mas se exerce. O poder não é posse de ninguém, sequer de uma classe social, mas antes uma estratégia. A estratégia é definida como “inúmeros pontos de enfrentamento, focos de instabilidade” (DELEUZE, 1988 [1986]: 35). Nas relações de poder não há estabilidade.

Localização. O poder não se encontra localizado numa estrutura, ou no Estado. Consiste em focos locais e regionalizados. O próprio Estado é efeito de práticas e de engrenagens sociais. O fato de se apropriar das disciplinas é que nos dá a impressão equivocada de que o poder está totalizado no Estado.

Subordinação. O poder não está subordinado a um estrato, ou a um modo de produção, como a infraestrutura, ou as questões econômicas. Não se posiciona em uma superestrutura, mas é imanente a todo campo social.

Essência ou atributo. O poder não tem essência, nem interioridade, pois é funcional, operatório. Não é atributo de algum ente e sim relação. Passa tanto pelas forças dominantes, como pelas dominadas. Uma questão política relevante para esta temática é: “Em outros termos, não se trata da arbitrariedade do Rei, trata-se da maneira que os dominados participam da arbitrariedade do Rei” (DELEUZE, 2014 [1986]: 47).

Modalidade. O poder não é repressivo (violência), nem ideológico. É a ação de uma força sobre outra. A relação de forças é a relação da força com a força, é a ação sobre a ação. Diferente da violência, que não é uma ação sobre uma força, mas uma “relação da força com um ser ou com um objeto (...) Uma força não é destruída por outra força” (DELEUZE, 2014 [1986]: 49). Foucault, como Deleuze, não opera na

lógica da negatividade; compreende que as forças em ação assumem uma positividade que produz realidades e regimes de verdade. Deste modo, “as sociedades modernas não procedem por ideologia ou repressão, senão por normalização (...) Normalizar é a relação de forças por excelência. A saber, é repartir no espaço, ordenar no tempo, compor no espaço-tempo” (DELEUZE, 2014 [1986]: 51). Então, o poder não atua pela repressão ou pela ideologização, mas sim pela normalização das condutas, produzindo-as através das normas.

Legalidade. No senso comum, a lei é entendida “como aquilo que suprime ou que proíbe a ilegalidade” (DELEUZE, 2014 [1986]: 60). Mas, para Foucault, a lei não proíbe uma conduta, é uma espécie de repartição dos ilegalismos. Troca, assim, a oposição lei/ilegalidade pela complementaridade lei/ilegalismo. “A lei é, em efeito, uma ficção” (DELEUZE, 2014 [1986]: 62), pois não há a lei, existem as leis. Deste modo, “a multiplicidade das leis é ao mesmo tempo a maneira pela qual, longe de impedir um comportamento, a lei diz em que condições se permite um comportamento” (DELEUZE, 2014 [1986]: 62), em que lugar pode ser exercido. Sendo assim, longe de promover a paz e uma justiça social ao coletivo, a lei será mais uma estratégia de poder: “Foucault mostra que a lei não é nem um estado de paz nem o resultado de uma guerra ganha: ela é a própria guerra e a estratégia dessa guerra em ato, exatamente como o poder não é uma propriedade adquirida pela classe dominante, mas um exercício atual de sua estratégia” (DELEUZE, 1988 [1986]: 40).

Todos estes postulados implicam um deslocamento do enfoque sobre o poder, que, no senso comum, localiza-se numa analítica macrofísica. Aqui, trata-se de uma microfísica dos poderes, ou de uma micropolítica, como diria Guattari (1988 [1979]). Foucault cria um elemento novo, uma nova palavra para se referir ao mapa complexo em que ocorre esse interjogo das relações entre forças, denominando-o “diagrama”. Por que cria uma nova palavra, ao invés de falar que as relações de forças situam-se numa estrutura? É que a estrutura refere-se a um “ciclo fechado, designando um estado de equilíbrio” (DELEUZE, 2014 [1986]: 40). Contudo, como as forças são movediças, dinâmicas, instáveis, a estrutura não seria o melhor modelo para seu entendimento, mas sim o diagrama.

O diagrama não é mais o arquivo, auditivo ou visual, é o mapa, a cartografia, co-extensiva a todo o campo social. É uma máquina abstrata. Definindo-se por meio de funções e matérias informes, ele ignora toda distinção de forma entre um conteúdo e uma expressão, entre uma formação discursiva e uma formação não discursiva. É uma máquina quase muda e cega, embora seja ela que faça ver e falar (DELEUZE, 1988 [1986]: 44).

O diagrama aparece como o plano deste composto de forças, o mapa, mas sem a constituição de estratos e formas. Por isso não é um arquivo, nem uma máquina concreta, mas sim uma cartografia e uma máquina abstrata. Pode ser definido como “a apresentação das relações de força que caracterizam uma formação; é a repartição dos poderes de afetar e dos poderes de ser afetado; é a mistura das puras funções não-formalizadas e das puras matérias não-formadas” (DELEUZE, 1988 [1986]: 80). Deleuze considera que o diagrama é primeiro em relação às formas (2014 [1986]: 111), é o plano de forças anterior às máquinas concretas, aos agenciamentos e aos dispositivos. Os estratos são os resultantes do diagrama. “O diagrama, ou a máquina abstrata, é o mapa das relações de forças, mapa de densidade, de intensidade, que procede por ligações primárias não localizáveis e que passa a cada instante por todos os pontos” (DELEUZE, 1988 [1986]: 46). Deleuze (2014 [1986]) afirma que o diagrama é sempre instável (p.86) e, por isso, intermediário entre duas formações sociais (p.87); é um lugar de mutação (p.111). Caracteriza-se por ser uma máquina instável, difusa, informal, abstrata, virtual, em perpétua mutação e que varia com as coordenadas do espaço-tempo. Enfim, “diagrama é a relação de uma matéria não formada e de uma função não formalizada” (p.78), operando como um mapa das relações de forças, uma máquina abstrata.

No que se refere às forças, no curso sobre Foucault, Deleuze (2014 [1986]) o inicia trabalhando com um modelo bipolarizado. Entende que toda força tem dois poderes: o poder de afetar outras forças e o poder de ser afetado por outras forças (p.73). Esse poder de afetar relaciona-se com os pontos de espontaneidade da força, enquanto o poder de ser afetado com os pontos de receptividade da força, ou seja, com os afetos ativos e reativos (p. 178). Portanto, continua a trabalhar com as mesmas categorias de forças ativas e reativas e o poder de afetar e ser afetado, respectivamente desenvolvidas em Nietzsche e Espinosa. Entretanto, a partir de sua análise sobre a Vontade de Saber de Foucault (2006 [1976]), Deleuze vai além do par poder de afetar e poder de ser afetado, traçando uma terceira modalidade, que é o poder de resistir. “Resistir é o potencial da força, se vocês querem, enquanto não se deixa esgotar pelo diagrama. Ou então, o que é o mesmo, é o potencial da singularidade enquanto não se deixa esgotar por uma relação de forças dada no diagrama. Há resistências” (DELEUZE, 2014 [1986]: 207).

Em sua análise, o poder de resistir é algo que não se deixa apreender nas relações de forças dadas no diagrama. Não é o poder de afetar, nem o poder de ser afetado. Está além desta relação de dois vetores, sendo um terceiro vetor. Nesse sentido, o poder de resistir refere-se a singularidades que não se deixam enlaçar pela curva integral do diagrama, não se deixam regularizar; é o que resiste às relações de forças. Deleuze afirma que é o “fora” das relações de poder, ou melhor, é primeiro em relação ao poder.

Os pontos de resistência como irreduzíveis às relações de poder e tendo a estranha propriedade de voltar contra o poder aquilo pelo qual o poder faz seu objeto, ou seja, aquilo que o poder pretendeu controlar. O ponto de resistência é algo incontrolável no objeto do poder. Portanto, esse algo incontrolável no objeto de poder é primeiro em relação ao poder (DELEUZE, 2014 [1986]: 407).

Dessa forma, os pontos de resistência são o que excede o diagrama. Trata-se da contracara, do adversário dos poderes. “Um campo social resiste ao poder antes de estrategizar-se em relações de poder” (DELEUZE, 2014 [1986]: 406). Deleuze afirma que Foucault criou a concepção do poder de resistir para que pudesse pensar a transição de um diagrama social a outro, como, por exemplo, a do diagrama do poder de soberania para o diagrama do poder disciplinar:

São os pontos de resistência que forçam e acarretam uma mutação do diagrama, isto é, uma segunda tirada que vem do fora, não menos que a precedente, que terá também seus pontos de resistência, e uma terceira tirada, etc., que vão disparar as mutações. No momento em que os pontos de resistência se globalizem, haverá derrocada do diagrama, em proveito de um novo diagrama (DELEUZE, 2014 [1986]: 208).

A reflexão sobre a mutação do diagrama relacionada ao poder de resistir não é muito desenvolvida no seu curso e tampouco aparece no livro dedicado a Foucault (DELEUZE, 1988 [1986]). Neste livro, Deleuze não deixa muito claro como o poder de resistir consegue se manter fora do diagrama e das relações do poder de afetar e de ser afetado. Restringe-se a falar que o poder de resistir está relacionado às linhas do fora:

As forças vêm sempre de fora, de um fora mais longínquo que toda forma de exterioridade. Por isso não há apenas singularidades presas em relações de forças, mas singularidades de resistência, capazes de modificar essas relações, de invertê-las, de mudar o diagrama instável. E existem até singularidades selvagens, não ligadas ainda, na linha do próprio fora e que borbulham justamente em cima da fissura (...). Mas, por mais terrível que seja essa linha, é uma linha de vida que não se mede mais por relações de forças e que transporta o homem para além do terror (DELEUZE, 1988 [1986]: 129-130).

Todavia, numa carta direcionada a Foucault em 1977, publicada posteriormente com o título “Desejo e prazer”, Deleuze (2007) traz pistas sobre as linhas do fora,

realçando uma diferença sua em relação ao colega. Afirma que não há um primado do diagrama, ou dos dispositivos de poder, pois os agenciamentos desejanos são anteriores aos dispositivos, ao diagrama e ao conjunto de estratégias. Então a sociedade não opera primeiramente através de estratégias, mas sim por fluxos, por linhas de fuga, num movimento centrífugo. Dessa forma, as linhas de fuga (ou do fora) são primeiras em relação aos dispositivos de controle, “(...) são picos de desterritorialização² dos agenciamentos de desejo” (DELEUZE, 2007: 125, tradução nossa), em que o próprio desejo se mistura às linhas de fuga.

Estas linhas do fora, de fuga, desejanos, o poder de resistir, por estarem além das relações de poder instauradas e por resistirem ao diagrama, podem inclusive fissurá-lo e transformá-lo. Deste modo, Deleuze estabelece uma relação entre resistência e vida, aproximando o pensamento de Foucault de um certo vitalismo.

A vida se torna resistência ao poder quando o poder toma como objeto a vida (...) Quando o poder se torna biopoder, a resistência se torna poder da vida, poder-vital que vai além das espécies, dos meios e dos caminhos desse ou daquele diagrama. A força vinda do lado de fora – não é uma certa idéia da Vida, um certo vitalismo, em que culmina o pensamento de Foucault? A vida não seria essa capacidade de força de resistir? (DELEUZE, 1988 [1986]: 99).

Deleuze propõe que o poder de resistir torna-se vida quando o poder torna-se biopoder, isto é, poder sobre a vida. Então a vida, a resistência, é o que escapa, o que traça linhas de fuga frente aos mecanismos disciplinares e de controle do biopoder. Então é o poder de resistir que traça linhas de singularização frente às relações de força instituídas e normalizadoras. Portanto, o poder de resistir é diretamente relacionado à criação e à vida, é o que vai em direção contrária das forças de captura e de morte. Vida que se insurge contra a disciplinarização e o controle do biopoder. No *Abecedário*, Deleuze articula rapidamente a resistência às forças de vida e de criação, seguindo a mesma lógica. “Criar é resistir efetivamente”, num exercício de “libertação da vida” (DELEUZE, 1994 [1988-1989]).

Deste modo, Deleuze atualiza a pergunta de Espinosa - a de que não se sabe ainda do que um corpo é capaz quando é libertado das disciplinas -, para a pergunta foucaultiana - a de que “não se sabe do que o homem é capaz ‘enquanto - vivo’, como conjunto de ‘forças que resistem’” (DELEUZE, 1988 [1986]: 100). Por não se ter debruçado mais sobre esta questão até o fim de sua obra, consideramos que esta é uma das linhas abertas por Deleuze, ou seja, a relação entre o poder de resistir e o vivo, e que

pode resultar em pesquisas bastante relevantes em tempos atuais de Capitalismo Planetário Integrado (NEGRI; GUATTARI, 1999) e Império (HARDT; NEGRI, 2005).

Considerações finais

Neste ensaio, discutimos as principais referências filosóficas de Deleuze para sua discussão sobre o poder. Constatamos que, para o filósofo, há uma “trindade do poder” em Nietzsche, Espinosa e Foucault.

Nietzsche nos fornece um modelo dinâmico das forças, no qual há o interjogo entre as forças ativas e reativas. Espinosa traz a discussão da potência, como análoga ao poder de ser afetado. Compreende que no poder de ser afetado há dois aspectos, as ações e as paixões. Quando um corpo é afetado por afecções positivas (paixões alegres), seu potencial de ação se intensifica, assim como o contrário. Espinosa traça assim uma conexão direta entre afetos e potência. Foucault traz uma elaboração do poder inédita, não mais o compreendendo como substância, mas como práticas, relações e estratégias. O plano em que se desenrolam essas forças recebe o nome de diagrama. Foucault vai além do bipolarismo das forças ao propor um terceiro vetor, chamado poder de resistir, que não se deixa capturar pelas relações de forças instituídas pelo diagrama. Também associa o poder de resistir à vida, como algo que luta e escapa do biopoder, do poder sobre a vida. Já Deleuze associa este poder de resistir às linhas de fuga e aos agenciamentos desejantes.

A partir do exposto, podemos dizer que as reflexões de Deleuze nos fornecem um modelo diferenciado sobre o poder?

Consideramos que Deleuze traça uma reflexão singular sobre o poder, trazendo nos seus enunciados uma dupla polaridade das relações de forças. No desenvolvimento de sua obra, sempre há uma tensão em que se contrapõem duas forças gerais, que denominamos aqui forças de criação e forças de captura. Se utilizarmos a terminologia de Nietzsche, a primeira está relacionada às forças ativas e de transmutação, enquanto a segunda às forças reativas e ao niilismo. A primeira, à vontade de potência, enquanto a segunda à lógica do fraco, da dialética senhor/escravo, à representação do poder. De forma análoga, em Espinosa, a primeira está relacionada ao poder como potencia, virtual e infinito e às afecções positivas, enquanto a segunda ao poder como potestas, atual e finito e às afecções negativas. Em Foucault, a primeira está relacionada ao poder de resistir, à vida e criação, enquanto a segunda ao biopoder, aos diagramas de disciplina e controle sobre a vida.

Nesta divisão entre duas modalidades de forças, podemos denominar potência a primeira e poder a segunda de poder. Portanto, não extraímos um novo modelo sobre o poder, mas identificamos dois pólos das relações de força: potência e poder. Consideramos que a potência está relacionada ao poder de criar, ao poder enquanto verbo, instituinte, como devir em movimento: o “poder fazer”. Já o poder está relacionado ao poder de dominação e captura, ao “querer o poder”, ao poder enquanto substantivo, como substância, estático, instituído, em repouso e repressor: o “poder sobre”. A potência é derivada do triunfo das forças ativas, das afecções positivas e potencializadoras, por isso que é eminentemente criadora, desejante e produtiva. O poder é derivado do triunfo das forças reativas, do niilismo, das afecções negativas e despotencializadoras, por isso é conservador, capturante e coercitivo. Contudo, mesmo com as diferenças qualitativas, deve-se ressaltar que o poder não é de natureza diversa da potência, pois resulta do processo de estratificação das relações de forças.

No interjogo entre potência e poder, geralmente a primeira tende a ser bloqueada pelo segundo. Neste processo de captura, o movimento converte-se em estática, a lógica do devir se reduz à lógica do ser, o fluxo do processo desejante é interrompido e fixado ao estrato, gerando um poder conservador, bloqueador de outras possibilidades de vida, característico das normalizações disciplinares e de controle do biopoder. O desejo fixa-se ao estrato do poder. Neste sentido, a criação fica capturada pela dominação, a linha converte-se em ponto, o movimento em repouso. E, para a conservação do poder no plano macropolítico, institui-se a política do medo, terror e violência, que incita afecções negativas, despotencializadoras, ao coletivo social, mantendo a vida aprisionada e dominada.

Contudo, que linhas de fuga podem ser traçadas? Que agenciamentos de forças podem romper o triunfo do poder e das forças reativas, e fazer com que a potência suplante o poder? Não temos um programa, nem uma teleologia para essa transmutação. Mas há linhas a seguir. Radicalizar o poder de resistir e criar, constituir afecções positivas e potencializadoras, afirmar as positivities através do dispositivo do Eterno Retorno, substituir a Moral pela Ética, fomentar linhas de fuga e desejantes e estabelecer relações transversais para a constituição de novas práticas, um novo comum, uma nova vida e outros processos de subjetivação que prescindam do poder da captura. Pistas, linhas, vetores e rotas possíveis que podem nos tirar do território do poder instituído para as novas terras da potência instituinte. Mas que apenas serão experimentadas ao serem traçadas, construídas e postas em movimento.

Referências

- BAREMBLITT, Gregorio Franklin. Esquizoanálise e Esquizodrama. Curso de especialização. São Paulo, 2003.
- CRESWELL, John W. *Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto*. Porto Alegre: Artmed, 2010.
- DELEUZE, Gilles. *Nietzsche e a filosofia* [1962]. Rio de Janeiro: Rio – Sociedade Cultural, 1976.
- DELEUZE, Gilles. *Nietzsche* [1965]. Lisboa: Edições 70, 2007.
- DELEUZE, Gilles. *Spinoza et le problème de l'expression*. Paris: Les Éditions de Minuit, 1968.
- DELEUZE, Gilles. *Diferença e Repetição* [1969]. São Paulo: Brasiliense, 2006.
- DELEUZE, Gilles. *Espinoza e os signos* [1970]. Porto: Rés, 1976.
- DELEUZE, Gilles. *Espinosa: Filosofia Prática* [1981]. São Paulo: Escuta, 2002.
- DELEUZE, Gilles. Prefácio [1981]. Em: NEGRI, Antonio. *A anomalia selvagem: poder e potência em Espinosa*. São Paulo: Ed. 34, 1993.
- DELEUZE, Gilles. *El saber: curso sobre Foucault (Tomo 1)* [1985]. Buenos Aires: Cactus, 2013.
- DELEUZE, Gilles. *El poder: curso sobre Foucault (Tomo 2)* [1986]. Buenos Aires: Cactus, 2014.
- DELEUZE, Gilles. *La subjetivación: curso sobre Foucault (Tomo 3)* [1986]. Buenos Aires: Cactus, 2015.
- DELEUZE, Gilles. *Foucault* [1986]. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- DELEUZE, Gilles. *Abecedário* [1988-1989]. Documentário. Paris: Éditions Montparnasse, 1994.
- DELEUZE, Gilles. *Conversações*. São Paulo: Ed. 34, 1992.
- DELEUZE, Gilles. *Crítica e clínica* [1993]. São Paulo: Ed. 34, 1997.
- DELEUZE, Gilles. *Dos regímenes de locos: textos y entrevistas (1975-1995)*. Valencia: Pré-textos, 2007.
- DELEUZE; Gilles; PARNET, Claire. *Diálogos* [1977]. Valencia: Pre-textos, 2004.
- DELEUZE; Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia*, vol. 2. São Paulo: Ed. 34, 1995.
- DOSSE, François. *Gilles Deleuze & Félix Guattari: Biografia cruzada*. Porto Alegre: Artes médicas, 2010.
- FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: A vontade de saber* [1976]. Rio de Janeiro: Graal, 2006.
- FOUCAULT, Michel; DELEUZE, Gilles. Os intelectuais e o poder: Conversa entre Michel Foucault e Gilles Deleuze [1972]. Em: FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

- GILBERT, G. Nigel; MULKAY, Michael. *Opening Pandora's box: a sociological analysis of scientists' discourse*. London: Cambridge University Press, 1984.
- GUATTARI, Félix. *O inconsciente maquínico: ensaios de Esquizo-análise* [1979]. Campinas, SP: Papirus, 1988.
- HARDT, Michael; NEGRI, Antonio. *Imperio*. Barcelona: Paidós, Surcos, 2005.
- HARDT, Michael; NEGRI, Antonio. *Multitud: Guerra y democracia en la era del Imperio*. Barcelona: Debolsillo, 2006.
- HUR, Domenico Uhng. O dispositivo de grupo na esquizoanálise: tetralvência e esquizodrama. *Vínculo*. Vol. 9, nº1, p. 51-69. Disponível em <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/vinculo/v9n1/a04.pdf>>. Acesso em 08 de outubro de 2015.
- HUR, Domenico Uhng. Esquizoanálise e política: proposições para a Psicologia Crítica no Brasil. *Teoría y crítica de la psicología*, Vol. 3, p. 264-280, 2013a. Disponível em: <<http://teocripsi.com/documents/3HUR.pdf>>. Acesso em 08 de agosto de 2014.
- HUR, Domenico Uhng. Da biopolítica à noopolítica: contribuições de Deleuze. *Lugar comum*. nº 40, p. 201-215, 2013b. Disponível em: <http://uninomade.net/wp-content/files_mf/111012130335Da%20biopol%C3%ADtica%20%C3%A0%20noopol%C3%ADtica%20contribui%C3%A7%C3%B5es%20de%20Deleuze%20-Domenico%20Hur.PDF>. Acesso em 08 de agosto de 2014.
- HUR, Domenico Uhng. Memória e tempo em Deleuze: multiplicidade e produção. *Athenea digital*. Vol. 13, nº 2, p. 179-190, 2013c. Disponível em: <<http://atheneadigital.net/article/view/Hur>>. Acesso em 08 de agosto de 2014.
- LAZZARATO, Maurizio. *Políticas del acontecimiento*. Buenos Aires, Argentina: Tinta Limón, 2006.
- LAZZARATO, Maurizio. *Signos, máquinas, subjetividades*. São Paulo: Edições SESC; n-1 edições, 2014.
- LYOTARD, Jean-François. *A condição pós-moderna* [1979]. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006.
- MOREY, Miguel. *Peut-être un jour... El pensamiento intempestivo en Michel Foucault*. Curso monográfico, MACBA: Barcelona, 2009.
- NEGRI, Antonio. *A anomalia selvagem: poder e potência em Espinosa* [1981]. São Paulo: Ed. 34, 1993.
- NEGRI, Antonio; GUATTARI, Félix. *Las verdades nómadas & General Intellect, poder constituyente, comunismo*. Madrid: Akal, 1999.
- PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virginia; ESCOSSIA, Liliana. *Pistas do método da cartografia*. Porto Alegre: Sulina, 2010.

Domenico Uhng Hur
Universidade Federal de Goiás
E-mail: Domenico@ufg.br

¹ Todas as citações diretas a Deleuze (2014 [1986]) foram traduzidas por nós do espanhol ao português.

² Esta questão dos picos de desterritorialização pode ser conferida nos *Mil Platôs*, vol. 2 (Deleuze & Guattari, 1995), ou mesmo na “sistematização” realizada por Hur (2012) sobre a tetralência do agenciamento.